

**Autor:** Renata Maria Conte de Almeida

Renata Maria Conte de Almeida é psicanalista, membro da APPOA

## Casa dos Cata-ventos, jogar palavras ao vento?

**Eduardo Kives e Carla Cervera Sei**

Crendo que eu recebera, os da equipagem

Discorriam destarte: "Oh! quanto Ulisses

Por onde quer que aborde é festejado!

Onusto vem de Íliacos tesouros,

E nós, tendo corrido iguais tormentas,

Vamos ao pátrio lar de mãos vazias.

Brindes lhe fez agora o amigo Éolo;

Veja-se que ouro e argento esse odre guarda."

Vencendo o mau conselho, o desataram:

Os ventos a ruir, de Ítaca os deitam,

A empegá-los em lágrimas desfeitos.

(Homero, Odisséia)

A Casa dos Cata-ventos é um lugar de brincar. E lá a brincadeira acontece, de forma intensa, durante todas as tardes de plantão. Imaginação corre solta, brinquedos se transformam livremente (as coisas sempre querem ser outras coisas: mesa vira palco, baú vira avião e leva as crianças para lugares tão distantes, vassoura vira espada, ...). Banho de chuva, banho de balde, pular corda, polícia-e-ladrão, *batuque*. Algumas tardes mais tranquilas, outras nem tanto.

Começamos a nos deparar com vários momentos em que, num instante, o que era brincadeira torna-se uma grande confusão, em que as cenas montadas pelas crianças começam a perder seu brilho, as bordas entre as brincadeiras se dissolvem e cai-se numa indiferenciação, em que as manifestações de violência são frequentes. Nessas situações, tão difíceis de suportar e de encontrar caminhos possíveis, pode parecer que as palavras não exercem efeito algum sobre as crianças. Não dão contorno, não apaziguam, não resolvem o conflito. Quando explode o caos, *aspalavras parecem jogadas ao vento*: "Saí [do plantão] com uma sensação de que havia chegado aquele momento em que aspalavras nada causam nas crianças, que parece que ficamos correndo atrás das crianças sem conseguir tocá-las (às vezes literalmente!) (relato de plantonista)".

Questionamo-nos: o que as crianças querem dizer com isso? O que elas estão nos endereçando? Tentamos elaborar alguma construção: seria a violência da vila, o trauma cotidiano, irrompendo nos plantões, ou algum evento recente especialmente terrível que se presentifica na conduta das crianças? Ou seria a aproximação do final do plantão, sendo da ordem do insuportável, que estaria na base dessas atuações, uma forma de criar uma transitividade sentida como necessária, um espaço-tempo de indistinção entre a Casa e a Vila?

Ora, *transitividade* nos remete a Dolto (1991, p.18), quando ela diz: "as palavras do vocabulário são um bom exemplo de objeto transicional que a criança adquire para não mais se separar delas". Se levantamos hipóteses, portanto, é como auxílio em nossa busca por palavras que realizem a função de ajudar a criança a atravessar as provas envolvidas em seu crescimento e sua estruturação. São palavras que, entre outras coisas, podem ser *escovadas*, a fim de produzir significado e história, como na poesia de Manuel de Barros (2003, I):

"Logo pensei em escovar palavras porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma".

Como não trabalhamos com manuais de semiologia pedagógica em que a criança é mero objeto de um saber, insistimos em falar - perguntar, nomear, surpreender, tensionar, ecoar, espelhar, co-fantasiar - pois se trata do sujeito, que habita ali onde falhamos em determiná-lo. Paradoxalmente, por mais que falemos, não podemos exigir nada! Quer dizer, isso se considerarmos a exigência do lado da pedagogia, no sentido do modelamento do eu (o que é diferente do trabalho com as identificações, que são inevitáveis).

Desde a perspectiva do trabalho com o sujeito, concebemos, na formulação deste escrito, uma *lei da palavra*, que deve se afastar desta concepção de 'exigência' e se aproximar da noção de 'aposta'. Apostar não implica previsões, sugestão e profecias autocumpridoras, e sim incerteza, surpresa, efeitos inesperados. É uma subversão do sabido: acaso sabe a flor, ao lançar suas sementes ao vento, onde é que estas vão dar?

Ao invés de tomarmos o falar como uma técnica, por exemplo, como a habilidade de *saber* como falar com uma criança, podemos considerá-lo em seu aspecto de *fazer*, ou seja, considerar o modo como ele opera na estruturação do espaço simbólico da Casa. (O que se faz quando se fala?). Em nosso caso, portanto, o falar é o fazer primordial. Dito de outro modo, significa que o trabalho, na Casa dos Cata-ventos, não tem apenas uma função digestiva - como se poderia pensar, uma função de apoio, por analogia ao modo como fomos classificados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, como um SARA (Serviço de Apoio à Rede de Assistência). Nossa intenção não é apenas terapêutica - no sentido de curar pela palavra, curar pelo brincar -, é também pautada por um objetivo mais radical, que é articular um laço com as crianças, e com a Vila, que estabeleça as coordenadas determinantes de uma experiência de si radicalmente outra. O eixo que orienta tal experiência e que situa nosso fazer (operando, portanto, como lei) é o que nos referimos como a *lei da palavra*<sup>1</sup>.

Nos momentos em que explode o caos, então, como operamos com essa lei? Uma alternativa é lançar mão da interrupção do plantão:

Abrimos a casa e o caos se instala com uma rapidez incrível. 10 minutos? 15? Arma-se uma briga. Interrompo o plantão. Morte súbita como no futebol. O primeiro gol acaba o jogo. A primeira briga com dois machucados acaba a tarde. As crianças se revoltam, dizem que não vão embora, que nem começou o plantão, o caos que já estava instalado aumenta (relato de plantonista).

Não significa que desistimos da palavra. Podemos inclusive dizer: "Parece que *agora* não está dando para conversar..." - ou seja, a interrupção do plantão não é sem palavra. Mesmo que tudo se dê em condição de silêncio, a interrupção diz algo, concebemos ela como significativa. O que tentamos marcar - e aqui estamos em uma corda bamba muito tênue, a interrupção podendo ser tomada como punição, em que corremos o risco de cair para o lado daquela 'exigência' que remetemos anteriormente à pedagogia - não é a aprovação ou desaprovação das condutas das crianças de acordo com nossos critérios, e sim uma diferença: na Casa, a *lei da palavra* é o eixo organizador. É em função dela, idealmente, que o caos instalado pode ser considerado inaceitável, que as atuações das crianças podem ser tomadas não apenas como dotadas de significado, valor subjetivo, mas também como atuações que, por sua violência, impedem a proposta da Casa.

A interrupção do plantão não é uma ferramenta que diz respeito à lei em um sentido negativo - poderíamos pensar, como um limite, uma proibição. Ao contrário, concebemos ela em sua positividade, já que um limite e uma proibição só estão propriamente incluídos na *lei da palavra* se esta opera em um sentido positivo, concebido segundo ao menos dois elementos.

Um deles deriva da impossibilidade de a lei ser justificada. Não sabemos por quê alguém opta por falar sobre a raiva ao invés de socar, ou enunciar sua vontade ao invés de esperar ou se ensimesmar. Simplesmente não conhecemos uma fórmula para instaurar o reino da palavra; não sabemos exatamente quais caminhos obscuros levam cada criança a tomar o gosto de dizer. Dito de outro modo, não sabemos por quê o bico cai da boca da criança. Mas, justamente por que falta uma solução prévia, somos impelidos a criar, ser agentes de um fazer cujos efeitos, posteriormente, podemos colher, catar - as palavras podem empreender longa viagem ao vento, nós estaremos ali com a possibilidade de testemunhar: Cata-ventos. Enfim, é por isso também que 'interromper o plantão', 'limitar' e 'proibir' são, para nós, casos especiais do ato de falar, através do que impasses podem encontrar soluções mais interessantes - é nossa aposta fundamental, mesmo agindo em um contexto de extrema privação material. Proibir não é privar quando se pode oferecer, no lugar do proibido, algo de maior valor:

Após a festa de aniversário da Casa, haviam sobrado várias garrafas de Coca-Cola. Decidimos levar para casa, porque não tinha como repartir igualmente entre as crianças. No percurso da Casa até a saída da Vila estava eu, portanto, carregando duas garrafas em cada braço. Dois meninos que eu havia conhecido naquele dia chegaram e pediram para me ajudar a levar as garrafas. Eu digo que é pesado, mas que podem tentar, e dou uma garrafa para cada.

Eles vão me testando o percurso inteiro, ficando para trás. Mas eu os mantenho no ar, na linha (para usar uma figura de linguagem telefônica), perguntando sobre a história deles, falando com eles sobre a Casa. Eles se afastam um pouco, voltam: vai-e-vem, mas, não obstante, vamos indo. Eu percebo o jogo deles, mas quero oferecer-lhes a possibilidade de ocuparem outro lugar, tenho esperança de que eles se surpreendam com o encontro, tanto quanto eu estava surpreso de estar fazendo esse percurso com eles.

É quando, repentinamente, um dos meninos sai correndo com a Coca-Cola e entra em um beco, passa por um grupo de pessoas fumando maconha, pula um amontoado de lixo, e vira em uma ruela, perdendo-se de vista. O menino que ficou comigo diz: "Tu vai ter que ir atrás dele". Eu respondo: "Eu não vou, não. Mas se ele quiser, ele pode vir até mim". Ele: "Ele é menino de rua, pede dinheiro no sinal, não vai voltar".

Eu fico esperando uns cinco minutos, e o menino volta do beco, saltitando com o refrigerante em mãos.

Retomamos o percurso em direção à saída, conversando, até que eles me dizem que não querem mais carregar. Eu agradeço a ajuda e digo estar esperando vê-los outro dia, na Casa. Uma plantonista me esperava na saída e diz: "Parabéns, tu conseguiu". Eu respondo: "Eu não consegui nada, eles é que conseguiram". Mas a verdade, pensando depois, é que eu consegui também. O que eu mais queria era dar o refrigerante para eles. Qual é o valor de uma Coca-Cola para um menino que pede dinheiro na rua? Eu espero, ao menos, ter dado em troca algo mais valioso que o refrigerante: a palavra (relato de plantonista).

Mesmo se o menino não retornasse do beco e sumisse, de fato, com a Coca-Cola, os plantonistas não deixariam de estar indo à Vila, abrindo a Casa dos Cata-ventos, e oferecendo a ele a possibilidade de retornar. O mesmo ocorre com as interrupções de plantão. O plantão acaba, mas deixamos sempre claro que à Casa é possível retornar. Aliás, queremos que retornem. Que falemos sobre o que aconteceu ao invés de instaurar um não-dito.

O outro elemento da *lei da palavra* concebida em sua positividade é a circulação da palavra. Mais do que as diferenças entre as crianças e as diferenças entre os plantonistas, a diferença entre as crianças e os plantonistas é a diferença mais importante no trabalho na Casa, sendo na dialética com essa diferença que circula a palavra. Por exemplo, na interrupção do plantão, muitas vezes fomos apenas os plantonistas que, talvez também como efeito de nos tomarmos no lugar da responsabilidade, tomamos a decisão, sem indagar às crianças, que assim ficaram objetificadas no ato do encerramento. Se a palavra circula, porém, e desse modo (e somente desse modo) pode se fazer lei, é apenas porque todos podem ser sujeitos da palavra. É assim que a *lei da palavra* torna-se não apenas uma lei, mas uma lei-mestra, senhora de todas as outras regras da Casa. Estas não precisam, então, depender estritamente de sua encarnação em alguns indivíduos (geralmente os plantonistas), pois passam a estar entre todos, referidas ao coletivo.

Finalmente, se dizemos que, nos tais momentos de caos, *as palavras parecem jogadas ao vento* e nada causar às crianças, é porque podemos, eventualmente, ser tentados a pensar não apenas em uma oscilação da presença da palavra, mas a ir além: conjecturar sua total suspensão. Trata-se, porém, de uma conjectura teórica para a qual não há verificação observacional possível. No fim das contas, se sentimos que a palavra não tem mais efeito, o que acontece é apenas que sentimos que a palavra não tem mais efeito. Quer dizer, fazemos uma suposição a respeito do que se passa conosco em nossa relação com as crianças.

Quando Ulisses, ao invés de poder seguir tranquilamente sua viagem até Ítaca, teve de lidar com os ventos anárquicos que os marinheiros libertaram inadvertidamente do odre, não lhe restou outra saída: apesar de tudo, navegar, encontrar algum caminho *maluco* até sua casa. Assim como Ulisses, na Casa dos Cata-ventos nós insistimos em apostar, mesmo em meio à tempestade, inventar usos para o vento, por exemplo, como fazem a flor, e os vírus e bactérias. Assim, aquilo que foi dito *ao vento* não é necessariamente uma perda. Pode ser um potencial. Pois o vento poderá um dia voltar (é no que apostamos quando tentamos nomear, com as crianças, o que o caos e a violência estão impedindo a todos de falar), e nos fazer ver que o *dizer a nenhum* tornou-se um *dizer a todos*.

#### Referências bibliográficas:

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

DOLTO, Françoise; NASIO, Juan David. *A Criança do Espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

HOMERO. *Odisséia*. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>. Recuperado em 04 de junho, 2016.

**Autor:** Eduardo Kives e Carla Cervera Sei

Carla Cervera Sei – Psicanalista, membro da APPOA

Eduardo Kives – Estudante de psicologia UFRGS, plantonista da Casa dos Cata-Ventos

[1] A palavra 'lei', do modo como a estamos utilizando, não se refere ao "necessário/impossível" (ciências naturais), nem ao "proibido/permitido" (direito). Pensamos, antes, no valor que palavras e gestos podem adquirir frente a um Outro que, assim, legisla sobre o espaço simbólico.

### “Vem cá, vem escutar...”: a contação de histórias na Casa dos Cata-ventos

**Aline Sardin Padilla de Oliveira, Marina da Rocha Rodrigues, Marina Gregianin Rocha, Rebeca Diniz Sandes**

*“Toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história”*

*Hannah Arendt*

Em uma manhã de sol outonal, Chapeuzinho Vermelho entrou cantando na Vila São Pedro. Seguida de perto pelo Lobo Mau, foi trilhando o caminho de chão batido até a Casa dos Cata-ventos, nessa que seria a nossa primeira oficina de contação de histórias. Desde 2012, os contos têm encontrado seu lugar junto ao dia-a-dia do projeto e às brincadeiras das crianças.

Construímos as oficinas a partir da oferta da narrativa de uma história pela equipe e nos utilizamos de elementos lúdicos para sustentar o momento da contação. A escolha destas histórias é realizada a partir da escuta das brincadeiras das crianças. Escuta essa que implica atentar para as especificidades do território que as crianças habitam e no qual nosso trabalho se inscreve – uma comunidade marcada por aquilo que convencionamos nomear vulnerabilidade social, pela privação e violação de direitos, pela escassez e precariedade de recursos, ou seja, por violências de diversas ordens.

Nas brincadeiras das crianças, emerge a realidade em que vivem, aparecendo a dureza das vidas e das relações estabelecidas nesse contexto. Frente a esta crueza, apostamos no lúdico. A oferta dos contos se alicerça na ideia de que as histórias e as narrativas possam dar algum contorno às brincadeiras das crianças, às situações vividas e aos ensaios do que está por vir. A possibilidade de poder falar, atuar, encenar e brincar através dos contos se dá na medida em que as crianças habitam as histórias e fazem uso delas, elaborando, criando, reescrevendo e, quem sabe, escrevendo a sua própria história.

O encontro com as narrativas escritas e lidas possibilita que as crianças ocupem outras superfícies de inscrição psíquica, ou seja, outras possíveis posições de ser sujeito. Para Rodolfo (2004), o sujeito ao longo de sua trajetória encontra lugares em que ele possa se alojar, ou seja, superfícies em que ele possa deixar marcas de si. Inscrever-se em uma superfície é um ato inaugural: a criação de um traço próprio, o espaço é modificado com algo que é autoral do sujeito. Apostamos que as histórias são ofertas de novas superfícies, em que as crianças garimpam algo de si e modificam, criam, inventam, conforme seu desejo e sua necessidade de construção narrativa. Poder habitar um espaço e fazer dele um lugar, para o autor, é encontrar algo de si ali.